

AS TRAMAS DA TEIA DAS FIBRAS E A PLÁSTICA DO BARRO NO RICO ARTESANATO DE ALCÂNTARA

Paulo Melo Sousa

NORONHA, Raquel (Org.). **Identidade é valor**: as cadeias produtivas do artesanato em Alcântara. São Luís: EDUFMA, 2011. 130p.

O livro “Identidade é Valor: as cadeias produtivas do artesanato em Alcântara” é mais um produto resultado de um trabalho de pesquisa e extensão, intitulado “Iconografias do Maranhão”, realizado por professores e estudantes do Curso de Design, da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, desde 2008. Com lançamento realizado no dia 20 de junho de 2011, em Alcântara / MA, e no dia 22 de junho do mesmo ano, em São Luís / MA, a obra foi organizada pela designer Raquel Noronha, professora do Departamento de Desenho e Tecnologia da UFMA. Nos lançamentos foram adotadas como dinâmicas a realização de seminários nos quais se debateram as novas perspectivas de qualificação e valorização do artesanato regional.

Quando se fala em artesanato, no Maranhão, a diversidade é a primeira palavra que

aflora no discurso de todos os que se debruçam sobre o tema. Mãos habilidosas elaboram produtos em combinações inusitadas, nas quais a criatividade nativa surpreende positivamente os menos avisados. Fincados nos mais diversos recantos do Maranhão, os artesãos trabalham geralmente no anônimo, forjando um universo multifacetado de formas e cores, dando continuidade a um trabalho que lhes foi legado, na maioria das vezes, pelos seus próprios ancestrais.

O incremento que vem sendo dado, nos últimos anos, à produção artesanal em todo o Estado tem evidenciado cada vez mais o trabalho antes reconhecido apenas por alguns poucos especialistas e estudiosos. Em quase todo município maranhense é possível detectar a existência de uma assinatura estética, um apuro no detalhe dos objetos

produzidos, uma nota única onde é possível se perceber claramente que a presença de determinada matéria-prima naquele espaço geográfico específico engendra o produto elaborado, naturalmente de primeira linha.

O projeto “Iconografias do Maranhão” vem realizando registros iconográficos em vários locais do estado, tais como nos bairros do Desterro e da Praia Grande, em São Luís, abordando grupos de Tambor-de-Crioula e casas de culto afro, dentre outras manifestações culturais. Contando com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão - FAPEMA, a incursão em Alcântara contou com o patrocínio do Programa BNB de Cultura / BNDS.

Foi realizada, no âmbito do projeto, a sistematização dos processos produtivos do artesanato em alguns povoados alcantarenses. Dessa forma, os pesquisadores e os moradores das próprias comunidades puderam detectar os valores inerentes ao trabalho artesanal. No contexto metodológico, os autores da pesquisa localizam tais valores a partir do olhar dos próprios artesãos, identificando ainda as representações de consumo dos produtos criados através das relações mantidas com consumidores ou intermediários que comercializam os produtos.

Na programação do dia 22 de junho algumas peças produzidas pelas artesãs de Alcântara foram colocadas à venda, oriundas de alguns dos povoados que foram estudados: Itamatatiua (cerâmica), Brito (rede de dormir) e Santa Maria (fibra do buriti). Além desses locais, também foram visitados pelos pesquisadores os povoados de Mamuna e São João de Cortes. Em São Luís, aconteceu um seminário aberto ao público, realizado no dia do lançamento do livro, no Auditório 1 do CCET, UFMA, Campus do Bacanga. A palestra de abertura teve como te-

ma “Indicações Geográficas como forma de valorização do artesanato de comunidades locais”, sendo proferida pela pesquisadora Carla Belas, doutoranda da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

De acordo com a pesquisadora Raquel Noronha:

Para nós, professores e alunos do curso de Design da UFMA, iconografia se transforma em ação, representada pelo verbo iconografar, que caracteriza o processo de identificação, descrição, classificação e interpretação dos significados simbólicos dos fazeres, dos saberes e das histórias de determinado grupo ou cultura e, ainda, as formas tangíveis destes significados – seus produtos, seus objetos e suas imagens, ou seja, a sua cultura material.

Cabe salientar que os pesquisadores envolvidos no projeto sempre adotaram no processo de trabalho uma perspectiva de construção coletiva.

O livro possui prefácio de Lia Krucken, pós-doutora pela Universidade Estadual de Minas Gerais - UEMG, instituição na qual é professora, integrando o Comitê de Mestrado em Design, Inovação e Sustentabilidade. Com apresentação e introdução da organizadora Raquel Noronha, a obra conta ainda com a participação de Franklin Veiga Neto, graduando em Design pela UFMA, voluntário no projeto Iconografias do Maranhão, Imaira Portela de Araújo Medeiros, graduanda em Desenho Industrial pela UFMA, Marcella Abreu, graduanda em Design pela UFMA e Turismóloga (Centro Universitário do Maranhão - UniCEUMA), Milena Carneiro Alves, graduanda em Desenho Industrial pela UFMA e em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, Patrícia Silva de Azevedo, graduada em Desenho Industrial pela UFMA, com Mestrado em Ciência e Tecnologia de Madeiras [Esalg] pela

Universidade de São Paulo - USP e Doutorado pelo Programa de PG em Recursos Florestais da ESALQ / USP. Exerce o cargo de professor adjunto pela UFMA.

Raquel Noronha é doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ, designer (ESDI-UERJ), e mestre em Ciências Sociais (PPG-CSoc-UFMA). É professora assistente do Departamento de Desenho e Tecnologia da UFMA, onde coordena o projeto "Iconografias do Maranhão".

Dividido em cinco capítulos (Localizando pessoas, lugares e produtos; O mapeamento das cadeias produtivas; Reflexões sobre as cadeias produtivas do artesanato de Alcântara; Estratégias Ambientais para o desenvolvimento de produtos artesanais sustentáveis; Identificando valores e valorizando identidades), o livro identifica os artesãos e as possibilidades de comercialização dos produtos, realizando o mapeamento das cadeias produtivas em algumas comunidades, adotando

[...] a definição de Krucken, de que uma cadeia produtiva se constitui a partir do conjunto de atividades econômicas que se articulam progressivamente desde o início da elaboração de um produto (inclui matérias-primas, máquinas e equipamentos, produtos intermediários) até o produto final, a distribuição e a comercialização (KRUCKEN, 2009, p.120).

Refletindo sobre tal realidade, a obra lança luz sobre as representações e o trabalho prático das artesãs no âmbito de seu cotidiano com o artesanato, reconhecendo a ação dinâmica da relação existente entre os atores e os artefatos produzidos, o que gera valores que se refazem e se reconstroem continuamente a partir de estímulos oriundos de dinâmicas externas às comunidades objeto de estudo.

No primeiro capítulo, os autores informam inicialmente sobre a localização dos artesãos no município e a identificação do artesanato por eles elaborado, não aquele de subsistência, mas, o que seja passível de comercialização, dentre eles a cerâmica de Itamatatua, a tecelagem com fibra de buriti em Santa Maria e as redes de dormir de Brito. Em seguida, é realizada uma breve descrição dos povoados visitados. Após um primeiro seminário com a presença das artesãs, foi iniciada a identificação de lugares e pessoas, realização do mapeamento das cadeias de valor, visitas aos povoados, com vivências de imersão no cotidiano dos moradores e posterior análise dos discursos e das práticas ali encontradas.

No capítulo seguinte, foi realizado o mapeamento das cadeias produtivas existentes em cada povoado, envolvendo desde a encomenda do produto, aquisição de matéria-prima, processos de fabricação, acabamento e entrega / comercialização do artesanato fabricado. No terceiro capítulo aparecem algumas reflexões sobre as cadeias produtivas estudadas, com aprofundamento da análise do processo. Através da reprodução de algumas entrevistas com as artesãs, são fornecidas informações medulares sobre a natureza das encomendas dos produtos, a presença da solidariedade familiar no trabalho, adaptação da produção, ação da sazonalidade (efeitos do clima e das estações do ano sobre a produção artesanal, na qual várias categorias nativas são descritas, envolvendo o processo artesanal específico), o domínio da técnica, a descrição das relações de troca e algumas reflexões sobre os valores simbólicos do artesanato.

Ampliando o leque de sua abordagem, o livro se debruça sobre a questão ambiental, no quarto capítulo, delineando estratégias de desenvolvimento sustentável a par-

tir do uso racional da matéria prima, agregando dessa forma valor ao produto artesanal existente em determinada comunidade, o que lhe confere identidade cultural em virtude da relação equilibrada que precisa existir com o meio natural de onde a matéria prima é extraída. No último capítulo da obra, os autores dizem que a proposta visa “apontar discursos e práticas que corroborem para a construção de um cenário sobre as identidades e os valores do artesanato de Alcântara”, identificando, dessa forma, possibilidades de continuidade para o processo de identificação de valores, visando ampliar a comunicação da identidade dos povoados pesquisados.

A obra é ricamente ilustrada por fotografias coloridas, o que aproxima o leitor da realidade cultural das comunidades rurais nas quais a pesquisa foi desenvolvida. Dentre estas, destacamos o povoado quilombola rural de Itamatatua. Discorrendo sobre a cadeia produtiva desse povoado, que produz suas peças artesanais a partir da cerâmica, a obra destaca o início da produção / encomenda do produto, explica como o barro é retirado, transportado molhado e amassado com areia.

Anteriormente, o barro era amassado com os pés, trabalho que, segundo as artesãs, era muito penoso. Atualmente, o barro é amassado em uma máquina movida a eletricidade chamada de *maromba*. Mesmo depois desse procedimento, o barro misturado com areia ainda é amassado manualmente, seguindo-se os processos de modelagem, acabamento, secagem, raspagem, secagem, acabamento final, queima, acabamento pós-queima, seleção e descarte de peças rachadas, exposição e entrega do produto.

Nessa parte do livro, sentimos a ausência de algumas abordagens críticas. Dentre elas, por exemplo, seria interessante responder a

algumas interrogações. Como aconteceu o processo de mudança do amassamento manual do barro para o uso da *maromba*, e como a máquina foi introduzida e por quem no povoado? O que mudou no processo produtivo a partir dessas interferências? As peças feitas anteriormente em Itamatatua eram utilitárias e, após a realização de oficinas ministradas pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE, as artesãs aprenderam a produzir objetos decorativos, tais como bonecas, figuras de barro representando personagens de Tambor-de-Crioula, tais como coreiras e tocadores, além de reproduções dos próprios instrumentos musicais dessa manifestação cultural, dentre outros objetos.

Seria interessante problematizar tal questão, já que houve interferência no processo produtivo anterior, inclusive com a inclusão de pintura de algumas peças (a chamada pintura a frio, com uso de tinta acrílica ou tinta para tecido), técnica que era desconhecida no local até a realização das oficinas. Cabe ainda tecer mais alguns breves comentários sobre a obra, que abre espaço para vários trabalhos de pesquisa acadêmicos, por exemplo, nas áreas da sociologia e da antropologia, o que evidencia ainda mais o valor da mesma.

Visando o aprimoramento das técnicas artesanais detectadas nos povoados, foi trabalhado pelos autores do livro junto aos artesãos o Processo de Desenvolvimento de Produtos - PDP, composto pelas fases de Pré-Desenvolvimento (elaboração do plano estratégico de negócios e de produtos), Desenvolvimento (composto pelas etapas de projeto informacional, conceitual, projeto detalhado, preparação da produção e o lançamento do produto) e Pós-Desenvolvimento, que implica em acompanhar e descontinuar os produtos (AMARAL et al., 2006). Ampliando o debate acerca da abrangência

da identidade artesanal dos povoados pesquisados, a obra também passeia pelas representações que identificam o produto artesanal em relação ao seu local de origem, obedientes à tradição local e às práticas sociais ali existentes.

A necessidade da valorização do artesanato maranhense tem encontrado eco na preocupação de especialistas, designers, cientistas sociais, arte-educadores e autoridades ligadas diretamente ao setor, nos últimos anos. Em toda a sua extensa gama de expressões, o artesanato maranhense conjuga um saudável equilíbrio entre produtos decorativos e utilitários, e possui feição própria, na maioria dos casos. A rigor, estilo, o que caracteriza as verdadeiras manifestações culturais. Da cerâmica ao trançado das fibras do buriti, passando pelo tingimento dos fios de algodão após o preparo no meador para o fabrico das redes respira uma expressão autêntica, e que revela com vigor a sua beleza, exibindo com exuberância toda a sua impressionante musculatura plástica, como se pode verificar com facilidade na obra ora resenhada.

REFERÊNCIAS

AMARAL, D.C. et al. *Gestão de desenvolvimento de produtos: uma referência para a melhoria do processo*. São Paulo: Saraiva, 2006.

KRUCKEN, Lia. *Design e território: valorização de identidades e produtos locais*. São Paulo: Studio Nobel, 2009.

SOUSA, Paulo Melo. *Arte das mãos: mestres artesãos maranhenses*. São Luís: SEBRAE, 2007.

NOTA SOBRE O AUTOR

Paulo Melo Sousa é formado em Comunicação Social e em Desenho Industrial pela UFMA. Possui especialização em Jornalismo Cultural na Contemporaneidade e em Linguística Aplicada ao Ensino das Línguas Materna e Estrangeira. É mestrando do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da UFMA. Publica livros e artigos sobre literatura, poesia e de pesquisas sobre artesanato e cultura popular.

Recebido em: 03.10.11

Aprovado em: 07.11.11

